

A crítica de Delfim Santos ¹ ao conceito de distração de Ortega y Gasset

José Maurício de Carvalho – UFSJ
Pós-Doutor em Filosofia – Universidade Nova de Lisboa (Portugal) e UFRJ
Fone: (32)3379-2482
E-mail: mauricio@ufs.edu.br

Data da recepção: 13/11/2008
Data da aprovação: 28/10/2009

Resumo: A crítica de Delfim Santos ao conceito orteguiano de distração não contradiz o entendimento do filósofo espanhol de que a distração revela algo do modo humano de ser. Delfim Santos segue a filosofia raciovitalista e a usa para completar a tese existencialista de construção de um sentido da vida pela razão. No entanto, observa que nem toda distração é desejável, mas só a que contribui para a construção do sentido. Quando a distração promove o autoesquecimento é indesejável, pois alimenta a crise de sentido de que fala a fenomenologia existencial.

Palavras-chave: Crise – Distração – Raciovitalismo – Fenomenologia – Autoesquecimento

Introdução

Ao pensar a existência humana como questão fundamental para ser enfrentada pela filosofia do seu tempo, o filósofo português Delfim Pinto dos Santos entende acompanhar o filósofo espanhol José Ortega y Gasset. Trata-se de olhar a vida como agir contínuo e compromisso de elevação espiritual das obras humanas consolidadas na cultura. “Delfim Santos considerou a cultura e os valores em geral como um espaço privilegiado para o aprofundamento dos estudos sobre o homem” (CARVALHO, 1999, p. 13). Delfim Santos afirma em *Temas de flagrante atualidade* (1929) que: “É o tema de nosso tempo – como diz Ortega y Gasset -, exigência de radical superação construtiva. Compete-nos criar e seguir uma trajetória que eleve a altitude vital de nossa geração” (CARVALHO, 1999, p. 9).

Nesse entendimento a elaboração de um sentido para a vida tem um aspecto pessoal, mas também dimensão social, para a qual a vida particular com exigência ética contribui. Uma existência comprometida com a excelência é construída por escolhas de índole moral, conforme esclarece em *Meditação sobre a cultura* publicada em 1947 (CARVALHO, 1999, p. 397) nos seguintes termos: “O homem não está na terra para ser apenas espectador. Tudo exige a sua interferência e a própria abstenção é ainda ação”. Essa elaboração conceitual significa o rompimento com o idealismo alemão e com o materialismo, seu correlato. Delfim Santos fala da vida concreta, da vida de cada um de nós que se realiza numa dada situação.

A elaboração do sentido aparece como esforço de superação das dificuldades que a vida coloca entre o homem e seus projetos. “Delfim Santos aproveitou-se da abertura fornecida por Heidegger para afirmar a transcendência do homem, pois, ele acreditava que o próprio ser do homem não é já concluído, mas um sendo como sendo” (CARVALHO, 1996, p. 88). Ao se esforçar para realizar aquilo que entende dar significado para sua vida, o homem enfrenta obstáculos sentidos intimamente, mas cuja origem está na instabilidade da vida percebida como crise. A avaliação de que o século passado foi um período de forte crise foi comum a vários pensadores. Um resumo do que pensaram diferentes filósofos pode ser encontrado em *Ética e crise na sociedade contemporânea* (GONÇALVES, 2008 *apud* CARVALHO, 1999, p. 7), obra que apresenta diferentes análises “em torno do conceito de crise, característica indubitável e recorrente na sociedade tecnológica contemporânea”. A percepção dessa crise foi muito palpável entre os pensadores do último século.

Por que se falou tanto em crise? Porque a sociedade tecnológica foi vista como geradora de crise. Apesar das possibilidades, ela, que oferece em conforto e bem-estar material, afasta o homem dele mesmo, conforme esclarece Delfim Santos em *O homem e seu destino* (1951, p. 125): “Nunca foram tão vastas e prometedoras as possibilidades no domínio das transformações materiais, mas também nunca o homem se sentiu tão desorientado e incapaz de compreender as consequências e o sentido último das coisas novas que pode pôr ao seu serviço”. O motivo da crise não é o enriquecimento da sociedade ou as possibilidades que a tecnologia e a ciência trouxeram, mas o afastamento do homem daquilo que se tem como próprio dele, a possibilidade de agir moralmente.

A construção de um sentido para a vida significa a superação da crise, ou nela daquilo que afasta cada homem do seu projeto vital, como explica Delfim Santos em *Fuga* (1946). Ali diz: “O signo desta inadequação funda entre o ideal e o real, ou entre

o que faz e o que deveria fazer, arremessa o homem num ambiente que lhe tornou natural por ser constante: a preocupação” (SANTOS, 1946, p. 371).

Elaborar o sentido da existência pede que o homem não se afaste de si, não se esqueça dele mesmo, não deixe de olhar para si porque a existência pede que ele responda ao que está a sua volta. Esse fato nos coloca diante do papel da distração e do quanto ela contribui ou não para o autoesquecimento, reconhecido por Delfim Santos como promotor da crise. José Ortega y Gasset usa a distração como elemento fundamental da superação do autoesquecimento, sendo nesse aspecto acompanhado por Delfim Santos. No entanto, Delfim Santos faz profundas críticas ao conceito orteguiano de distração, o que nos coloca o problema do vínculo entre a distração e o sentido da existência no pensamento de Delfim Santos, pois ele usualmente desenvolve as intuições fundamentais do filósofo espanhol.

A crítica ao conceito orteguiano de distração

A crítica elaborada por Delfim Santos ao conceito orteguiano de distração não contradiz o entendimento do filósofo espanhol de que a distração ajuda o homem a falar de si mesmo ou chegar ao núcleo do seu modo de ser. Ao adotar esse entendimento, Delfim Santos alia-se à tradição raciovitalista e a usa para completar a noção existencialista de autodescoberta como objetivo de vida. Em outras palavras, a superação do autoesquecimento que está na raiz da crise do seu tempo não é só uma questão racional a ser posta e explicitada pela filosofia, mas também depende da descoberta do mundo de cada homem através da distração e da dimensão lúdica. O cerne da crítica delfiniana ao conceito de distração de Ortega y Gasset foi formulada em *Filosofia da distração, Ortega e o teatro* (1946, p. 373) nos seguintes termos:

Ortega revelou-nos o seu segredo: teorizou a apologia da distração. Depois de a identificar com o jogo, considerou o homem que se distrai, que procura sair de si e entregar-se a um mundo irreal, como melhor expoente da humanidade. É claro que o mesmo se poderia dizer dos que procuram os paraísos artificiais. Mas Ortega cometeu uma tremendíssima distração. O homem que cria e se entrega à irrealidade de um outro mundo no sentido autêntico que a filosofia pretende atingir, não é o homem que se distrai de si mesmo.

O problema que Delfim Santos identifica na meditação orteguiana não é o repúdio à distração como elemento fundamental da vida. Delfim Santos acompanha Ortega ao reconhecer que ela é importante. No entanto, observa que nem toda distração é desejável, não o é aquela que promove o autoesquecimento. A distração representada pela busca de fundamentos para o mundo descoberto pela percepção sensível é desejável. Em outras palavras, a distração não é indesejável, Ortega está correto, mas aquela que promove o autoesquecimento deve ser evitada, conclui Delfim Santos (1946, p. 374):

Quase todo mundo está alterado e na alteração o homem perde o seu atributo essencial: a possibilidade de meditar, de recolher-se dentro de si mesmo para pôr-se consigo de acordo e precisar o que crê e o que não crê, o que da verdade estima e o que da verdade detesta. A alteração obnubila-o, cega-o, obriga-o a atuar mecanicamente em frenético sonambulismo.

Reconhecendo que a distração está no eixo essencial da filosofia orteguiana, eis o que ela tem de essencial, ela contribui para o ensimesmamento, e este para a criação do sentido. A distração é importante se ajuda a superar o autoesquecimento. O caminho para isso é favorecer o ensimesmamento, acrescenta nosso filósofo:

Esquecendo, por distração, o significado simbólico da atuação do ator – que parecia querer tratar quando se referiu a Ofélia – Ortega esqueceu também, que o público (esse público que lhe pareceu passivo por estar centrado, confundindo assim movimento com atividade) vive e sofre, ri e chora, aclama-se e desespera com o que o ator lhe sugere e mostra. Só é passivo quando se distrai, mas quando segue o drama, é ele mesmo ator, é herói ou vítima, conforme a ressonância do seu mundo interior com o papel desempenhado pelo ator. O teatro é, repetimos, intimização e ensimesmamento e um poderoso agente na descoberta de nós próprios (SANTOS, 1946, p. 376).

Em resumo, quando a distração contribui para que o homem se encontre com ele mesmo, ela está na linha do ensimesmamento orteguiano e é válida. Quando a distração promove o autoesquecimento contribui para a crise de sentido percebida no seu tempo.

Em outro artigo denominado *Fuga* (1946) se explicita a construção do sentido entendido como desenvolvimento do projeto vital. A crise é apresentada como o afastamento do homem de si mesmo. Ali escreve: “A fuga, neste sentido, é sempre o encontro do homem consigo mesmo. E é esta a tarefa mais difícil a que se lhe depara: encontrar-se. A distração afasta-o de si, a fuga torna-o consigo mesmo coincidente” (SANTOS, 1946, p. 372). O uso de fuga como aquela distração que promove a descoberta do sentido da vida é característico da forma de pensar de Delfim Santos.

Considerações finais

Pensar a vida como a construção de sentido possui um inegável caráter ético, o que nos faz enxergar a crise como uma questão de valor. É o que entende Delfim Santos. Entretanto, em Ortega y Gasset, crise é também um problema gnosiológico que emerge quando as crenças de um tempo são questionadas e o ensimesmamento tem igualmente implicação ontológica, o que dá ao problema uma dimensão ampla. Por esse motivo a meditação delfiniana se amplia para além da ética, sem deixar de ser ética.

O debate ético é trazido para a particularidade da vida concreta das pessoas. Essa é uma sugestão da fenomenologia existencial que nosso filósofo acolheu. A vida é o tema de nosso tempo, mas ela é condição e não o valor maior. A vida é a construção de um sentido que comporta valores maiores que ela.

Dos anos trinta aos sessenta, quando Delfim Santos publicou o principal de seus trabalhos sobre a questão, as experiências humanas estavam marcadas pela ideia de crise. Os anos trinta começaram com a grande depressão econômica de 29, a produção mundial diminuiu 40%, o comércio mundial encolheu mais de 60%. A crise teve face econômica, mas se reduziu só a ela. Os sistemas políticos totalitários acabaram com a paz do cidadão, veicularam a superioridade racial de grupos atingindo o conceito de pessoa humana. As guerras difundiram a violência, o pós-guerra trouxe a divisão do mundo e os riscos do conflito nuclear. Muitos foram os elementos da crise.

A filosofia de Delfim Santos partiu da realidade concreta do homem, procurou entender a crise que o alcançava, retomou a questão da pessoa e do que a caracteriza. A raiz das várias crises estava no próprio homem, concluiu Delfim Santos. A filosofia ocupa-se daquelas questões que desafiam o homem e não parece possível deixar de lado a crise vivida e as formas de superá-la.

Este trabalho analisa uma pequena parte da filosofia delfiniana, mas uma parte importante porque atinge o núcleo do diálogo que entabulou com Ortega y Gasset. Esclarece o que é ou não aceitável para levar adiante o entendimento de Karl Jaspers de que o desafio dos filósofos naqueles dias era impedir os homens de se esquecerem do que os faziam notáveis.

O caminho assumido por Delfim Santos para recuperação de si é diverso do apontado por Karl Jaspers. O motivo é a sua aproximação com Ortega y Gasset. O alemão entende que o período de descanso é oportunidade de profunda concentração intelectual para que o significado da existência humana possa ser construído diante do autoesquecimento e do vazio que ele provoca. Eis o que diz: “A orientação filosófica nasce da obscuridade em que cada um se encontra, do desamparo que sente quando, em carência de amor, fica o vazio, do esquecimento de si, quando devorado pelo afadigamento, súbito acorda assustado e se pergunta: que sou eu, que estou descurando, que deverei fazer” (SANTOS, 1946, p. 110). O filósofo lusitano considera que essa recuperação venha também pela distração e não só do esforço intelectual. O que é preciso é entendê-la corretamente. Afirma (1982): “Se ainda não o fez, contemple o leitor, que já está em pleno gozo das suas férias, na criança que, perto de si, entregue a si próprio, se ocupa, incrivelmente absorvida no seu mundo simbólico, com qualquer coisa que, para nós, já perdeu infelizmente todo o sentido” (SANTOS, 1982, p. 532). Ele esclarece o que significa deixar-se guiar pela criança que habita o interior de todos nós no *Comentário ao filme Aldeia Branca* (1982, p. 319): “não são as crianças descendentes dos adultos, mas sim os adultos descendentes da criança que foram e de que (...) se esqueceram”.

Nota

1. Delfim Pinto dos Santos nasceu na cidade do Porto a 6 de novembro de 1907 e morreu em 25 de setembro de 1966 em Lisboa. Licenciou-se em Ciências Históricas e Filosóficas na Universidade do Porto, especializando-se, posteriormente, em Filosofia nas principais universidades europeias. Foi aluno de Moritz Schlick (1882-1936), havendo participado dos seminários promovidos por Edmund Husserl (1859-1938), Werner Heisenberg (1901-1976) e Jean Piaget (1896-1960). Nos seminários dedicados ao estudo da obra de Nicolai Hartmann (1848-

1906) foi colega de Martin Heidegger (1889-1976), tomando contato direto com o pensamento do mestre alemão. Em seu doutoramento na Universidade de Coimbra foi arguido por Joaquim de Carvalho (1892-1958) e Francisco Lopes Vieira de Almeida (1888-1962). Mais tarde tornou-se Catedrático na Universidade de Lisboa, havendo também sido professor no *British Institute of Philosophy* e na *Aristotelian Society*. Visitou, por incumbência do Ministério da Educação de Portugal, diversas universidades europeias, entre as quais: a de Madri, Paris, Londres, Frankfurt, Heidelberg, Roma e Viena. Em abril de 1963 tornou-se Diretor da Fundação Gulbenkian. Desde que veio ao Congresso Nacional de Filosofia em Mendoza, Argentina, tomou contato com intelectuais brasileiros reunidos à volta de Miguel Reale. Essa aproximação consolida-se com sua vinda ao Congresso Internacional de Filosofia de São Paulo, ocorrido entre 9 e 15 de agosto de 1954. Um melhor entendimento de sua aproximação intelectual com os brasileiros será possível com a divulgação de sua correspondência com os brasileiros, fato que esperamos ocorra brevemente.

Referências

CARVALHO, José Mauricio de. *A idéia da filosofia em Delfim Santos*. Londrina: EDUEL, 1996.

CARVALHO, José Mauricio de. *Filosofia da cultura, Delfim Santos e o pensamento contemporâneo*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

GONÇALVES JR., Arlindo Ferreira.(org.) *Ética e crise na sociedade contemporânea*. Aparecida: Ideias e letras, 2008.

JASPERS, Karl. *Iniciação Filosófica*. Tradução de Manoela Pinto dos Santos. Lisboa: Guimaráes, 1987.

SANTOS, Delfim. Filosofia da distração. *Obras Completas*. v. III. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

SANTOS, Delfim. Fuga. *Obras Completas*. v. III. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

SANTOS, Delfim. Meditação sobre a cultura. *Obras Completas*. v. III. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

SANTOS, Delfim. Comentário ao filme *A Aldeia Branca*. *Obras Completas*. v III. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

SANTOS, Delfim. O homem e seu destino. *Obras Completas*. v. II. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

SANTOS, Delfim. Temas de flagrante atualidade. *Obras Completas*. v. I. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

Delfin Santos' Criticism About Ortega and Gasset's Concept of Distraction

Abstract: Delfin Santos' criticism about the Ortegian concept of distraction does not contradict the Spanish philosopher's thought, according to which distraction reveals a little of the human way of being. Delfin Santos follows the so-called 'Ratiovitalism' philosophy, and he uses it to complete the existentialist thesis of the construction of a meaning of life by means of reason. Nevertheless, he observes that not every distraction is regarded as desirable, except the one that contributes to the construction of meaning. When distraction promotes self-forgetfulness, it is regarded as undesirable, because it feeds the crisis of meaning to which the existential phenomenology refers to.

Keywords: Crisis – Distraction – Ratiovitalism – Phenomenology – Self-forgetfulness